

## Potências e desafios da interculturalidade na pesquisa em gestão de acervos arqueológicos

### Strengths and challenges of interculturality in research into archaeological collections management

Helena Pinto Lima<sup>1</sup>

DOI 10.26512/museologia.v12i24.48882

#### Resumo

Arqueólogas e arqueólogos que trabalham em instituições centenárias são impelidos a repensar as práticas e políticas curatoriais a fim de alcançar novas ambições que surgem de acervos historicamente acumulados. Reconhecendo a necessidade de renovação, destaquei os esforços na gestão do acervo arqueológico mantido no Museu Goeldi (Belém/Pará/Brasil) para envolver coletivos humanos em perspectivas mais abertas, dialógicas e horizontais. Neste ensaio, procuro apontar a potência que emerge dessas coleções, quando são sujeitas a novas possibilidades de leituras por diferentes coletivos, sejam eles de artistas, cientistas e comunidades. A “redescoberta” dessas coleções requer uma reavaliação da concepção de coleções arqueológicas e seu engajamento com a vida e a sociedade. Quando concebidas em sentido amplo, coleções arqueológicas musealizadas perpassam a materialidade dos objetos e sua documentação, e transbordam em inúmeras camadas, tangíveis e intangíveis, de múltiplas (espirais de) leituras, traduções e ressignificações.

#### Palavras-chave

arqueologia amazônica; patrimônio cultural; curadoria arqueológica; interdisciplinaridade; interculturalidade.

#### Abstract

Archaeologists working at centennial institutions are pushed to rethink curatorial practices and policies in order to achieve new ambitions that arise from historically accumulated collections. Recognizing this need for renovation, I will highlight ongoing efforts with the archaeological collection held at the Goeldi Museum (Belém/Pará/Brazil) to engage local people in more open, dialogical, and horizontal perspectives. In this essay, I attempt to demonstrate the power that arises from these collections when they are subjected to new reading possibilities by various collectives, including artists, scientists, and communities. The “rediscovery” of these collections requires a reassessment of the conception of archaeological collections and their active engagement with life and society. When conceived in a larger sense, they pervade the materiality of objects and their documentation, and overflow in numerous layers, tangible and intangible, of multiple (spirals of) readings, translations, and resignifications.

#### Keywords

Amazonian archaeology; cultural heritage; archaeological curatorship; interdisciplinarity; interculturality.

---

<sup>1</sup> Arqueóloga, pesquisadora titular do Museu Paraense Emílio Goeldi, onde atua também como curadora da coleção arqueológica e professora do programa de pós-graduação em Diversidade Sociocultural. Desenvolve pesquisas acadêmicas em arqueologia amazônica com vieses ligados à ecologia histórica, cultura material cerâmica e arqueologia colaborativa, e projetos de extensão ligados à gestão de patrimônio cultural com povos indígenas, comunidades ribeirinhas e quilombolas, e coletivos de artistas.

## Devires para a diversidade no campo museal<sup>2</sup>

Qual é o papel do museu nos atuais tempos de crise, tempos de transformação? Essa é uma discussão não somente pertinente, mas latente no campo dos museus, mundialmente. Produtos da lógica eurocêntrica e da empresa colonial, os museus operaram historicamente nas lembranças coletivas e no esquecimento seletivo a serviço de tal empreitada nacional. Apesar dos importantes avanços sociais liderados pela nova museologia da década de 1970, só mais recentemente a problemática da descolonização ganha mais espaço nas práticas, alinhada com reivindicações identitárias hoje em voga. Junto com o Conselho Internacional de Museus (ICOM), estamos enquanto sociedade na busca uma nova definição de museu que se enquadre melhor a este contexto. A consulta pública à comunidade museal mundial expressa um vislumbre deste novo lugar dos museus, agora e para o futuro. A nova definição de Museu, aprovada em Praga em 2022, expressa bem essa ideia:

Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos e ao serviço da sociedade que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial. Abertos ao público, acessíveis e inclusivos, os museus fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Com a participação das comunidades, os museus funcionam e comunicam de forma ética e profissional, proporcionando experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimentos. (ICOM, 2022)

Minha reflexão se dá desde uma instituição sesquicentenária da Amazônia, o Museu Paraense Emílio Goeldi, que sobrevive seus 156 anos de história de pesquisa e formação de acervos. Nascido no século 19 enquanto sociedade filomática e consolidado ao longo do século 20 enquanto uma casa de ciência, o Museu Goeldi é a instituição científica amazônica mais antiga e o primeiro projeto nacional para estudar e conhecer a Amazônia. Guarda uma das maiores e mais antigas coleções de arqueologia amazônica do Brasil e do mundo, uma verdadeira “coleção herdada” (WICHERS, 2010), mas que também carrega significados múltiplos entre sua formação, usos e leituras atuais: um patrimônio plural, com várias camadas de significados e muitas potências.

Hoje somos pressionados a repensar nossas práticas e políticas curatoriais para alcançar novas ambições que surgem a partir dessas coleções historicamente acumuladas. Reconhecendo essa necessidade de renovação, pensamos: Como pensar e desenvolver práticas mais inclusivas e horizontalizadas? Como ativar as potências destes acervos? O desafio é efetivar uma gestão mais engajada com povos tradicionais e coletivos diversos, cujas lógicas e conceitos podem impactar profundamente as nossas práticas dentro e fora da reserva técnica – quando nos colocamos verdadeiramente a absorver classificações e formas de gestão outras daquelas tradicionalmente desenvolvidas e aplicadas no campo da curadoria arqueológica. Este é o sentido da diversidade que almejamos no “devir museal” do Goeldi.

---

<sup>2</sup> Tomei emprestado o título de uma mesa redonda da qual participei em setembro de 2022, durante a 1ª Bienal de Artes de Belém. A mesa foi coordenada por Emanuel Júnior, com a participação de Orlando Maneschy e Terezinha Rezende.

Potências e desafios da interculturalidade na pesquisa em gestão de acervos arqueológicos

Primeira expedição da equipe do Museu Paraense ao Amapá em 1895, notar urnas funerárias Cunany coletadas na ocasião.



Arquivo Histórico do Itamaraty, RJ. Fonte: SANJAD, 2010.

Exposição arqueológica na “Rocinha”, ca. 1900.



Arquivo Histórico do Itamaraty, RJ. Fonte: SANJAD, 2010.

Como curadora, aprendi que se pode ir muito além das coleções, e que trabalhar em um museu na Amazônia pode significar agir ativamente e assim mudar a vida das pessoas. A socialização deste acervo tem sido um foco prioritário da política curatorial, conforme detalhei anteriormente (LIMA, *et al.*, 2018; LIMA; BARRETO, 2020). Considero este um momento de “redescoberta” das coleções, ou pelo menos de ativação das potências que elas carregam. Tal redescoberta exige uma reavaliação da própria concepção de coleção ou acervo, a partir de seu envolvimento ativo com a vida e a sociedade.

Acervos, quando pensados em sua conceituação mais ampla (*latu sensu*), perpassam as materialidades das coisas e suas documentações, e transbordam em muitas camadas, tangíveis e intangíveis, das múltiplas (espirais de) leituras, traduções e ressignificações. São estes os acervos arqueológicos, “acervos epistêmicos”, nas palavras de Jácome *et. al.*, (2020), que estamos a abordar. Sabemos que nossas classificações e interpretações arqueológicas infringidas à cultura material são necessariamente “momentâneas, fluidas e flexíveis” ... não sendo, portanto, as identidades materiais atribuídas às coisas suas propriedades intrínsecas. Ao contrário, elas são “o resultado de relações específicas entre pessoas e coisas: sua própria materialidade é potencialmente múltipla e carrega uma história” (HOLTORF, 2002: 49, tradução da autora).

A curadoria arqueológica é, por definição, um campo investigativo interdisciplinar. Ela integra arqueologia, museologia, conservação, educação e outras áreas, para fins de salvaguarda, pesquisa, ensino e divulgação de acervos. Saliento que a curadoria é também potencialmente um campo fértil para a pesquisa intercultural. E é esta a ideia, a de fertilização interdisciplinar e intercultural da curadoria arqueológica, que pretendo abordar neste texto. O foco de reflexão se situa nas interrelações entre comunidades, materialidades, e as coleções arqueológicas musealizadas.

Lidando com patrimônios plurais - na medida em que agregam muitas camadas de conhecimentos e interpretações - nós, enquanto arqueólogas/os/es, somos perfeitamente capazes de documentar e salvaguardar, mas são as comunidades, os povos indígenas e outros coletivos, os sujeitos capazes de qualificar essas coleções, animando assim os objetos salvaguardados (VELTHEM *et al.*, 2019).

As premissas da interculturalidade que inspiram as ações descritas nesse texto advêm do campo da educação escolar indígena e, mais precisamente, das metodologias adotadas na Licenciatura Indígena Políticas Educacionais e Desenvolvimento Sustentável oferecida pela Universidade Federal do Amazonas, da qual participei entre 2010 e 2018. Esta licenciatura é desenvolvida na Terra Indígena Alto Rio Negro, município de São Gabriel da Cachoeira/AM, nos polos Tukano, Nheengatu e Baniwa. Bebendo das chamadas Epistemologias do Sul (SANTOS; MENESES, 2010), a proposta visa promover a formação de professores/pesquisadores a partir de processos pedagógicos próprios, respeitando a diversidade cultural dos povos indígenas da região do Rio Negro (FARIA, 2018, 2020). Princípios como o currículo pós-feito, a aprendizagem por meio de pesquisa e feita nas línguas indígenas, são extrapoladas para o âmbito museológico-curatorial da arqueologia, a partir da perspectiva da pesquisa-ação e da colaboração (BRUNO, 2021; LIMA, 2020; LIMA *et al.*, 2020, THIOLLENT, 1985).

### **Entre comunidades, materialidades e arqueologias na Amazônia**

O engajamento de povos indígenas e outros povos da floresta com diferentes materialidades, paisagens, territórios, e o lugar amazônico, faz parte de longas e diversificadas trajetórias culturais que envolvem o manejo, a modificação e a domesticação de paisagens, o que as torna simbolicamente significativas (ALMEIDA; KATER, 2017; CLEMENT *et al.*, 2015; ZEDEÑO; BOWSER, 2009). Particularmente as tecnologias, em seus aspectos técnicos e cognitivos, e associados aos recursos naturais na Amazônia, levaram a transformações mútuas entre os povos e sua cultura material, sempre em profunda conexão com o território. A arqueologia fornece uma fonte privilegiada para a compreensão dessas histórias de longo termo dos povos nativos da Amazônia (HECKENBERGER; NEVES, 2009). O fértil e crescente diálogo interdisciplinar entre a arqueologia, a ecologia historicamente orientada e a etnografia, tem ajudado a iluminar o sofisticado conhecimento ambiental que sustentou inúmeras gerações de sociedades indígenas no passado, e que está intrinsecamente vinculado a suas trajetórias históricas (BALÉE, 2008; HECKENBERGER *et al.*, 2008; LEVIS *et al.*, 2018). A vasta diversidade cultural da região está expressa na cultura material, nas línguas e nas formas de interação com o ambiente, que geraram modificações persistentes e deixam marcas de variados regimes de materialidade, hoje visíveis na floresta em pé, e também nas coleções arqueológicas guardadas nos museus.

Vemos, na arqueologia amazônica, uma crescente produção científica na interface dos campos da arqueologia, dos estudos patrimoniais e da ecologia histórica. As evidências de diferentes partes da Amazônia revelam tecnologias sofisticadas de transformação da natureza. A cultura material, em particular as cerâmicas arqueológicas, são bens duráveis capazes de sobreviver por centenas ou milhares de anos, e constituem um evidente testemunho material dessas antigas culturas e comunidades de prática na Amazônia antiga (LIMA *et al.*, 2016). Trabalhos com coleções arqueológicas buscando compreender significados culturais da variabilidade artefactual encontrada no registro arqueológico amazônico não deixam de ser uma preocupação antiga da arqueologia, mas que persiste até hoje com caráter renovado.

Saberes e tecnologias tradicionais – muitas das quais originaram nossos acervos – têm papel ativo na elaboração de novas práticas, mais inclusivas, da arqueologia amazônica, tanto nas pesquisas quanto na gestão dos acervos por elas gerados. Pensar questões de acesso, usos e relevância da pesquisa arqueológica à sociedade são questões fundamentais ao desenvolvimento da disciplina. As pesquisas colaborativas, necessariamente engajadas com questões sociais que permeiam a realidade na qual estamos trabalhando, configuram o novo lugar da ciência na Amazônia (BEZERRA; CABRAL, 2014; LITTLE, 2010; MACHADO, 2017; OLIVEIRA, 2015; ROCHA *et al.*, 2013). Essas discussões têm orientado, inclusive, as novas políticas públicas para o patrimônio cultural material (IPHAN, 2018), e é uma posição que tenho defendido academicamente em projetos de socialização e de curadoria colaborativa (LIMA *et al.*, 2017; LIMA, 2019).

Experiências de curadoria colaborativa com povos indígenas têm sido mais exploradas nos campos museológico e antropológico a partir de coleções etnográficas (p.ex. BARCELOS NETO, 2006; CURY, 2012; FRANÇOZO; BROEKHOVEN, 2017; GARCÉS *et al.*, 2014; SHEPARD *et al.*, 2017). Para a arqueologia, é uma experiência relativamente nova e igualmente promissora, mas que apresenta desafios próprios. Com povos indígenas, os fecundos trabalhos desenvolvidos por M. Cabral (2014, 2015) junto aos Wajãpi; por F. Silva (2007; *et al.* 2011) e seus colaboradores (2011) com os Assurini do Xingu; por J. Machado (2013, 2017) com povos Laklãnõ Xokleng de Santa Catarina; e também os trabalhos de M. Bezerra (2011) com comunidades ribeirinhas da Vila de Joanes (Arquipélago do Marajó), são fontes importantes. Essas perspectivas, sensíveis à existência de outros modos de conhecer o passado, contribuem para uma virada teórica na arqueologia. Esse movimento recente pode ser comparável à virada ontológica da etnologia ameríndia, quando compreendeu a existência de entendimentos únicos e decididamente não ocidentais, dos povos amazônicos sobre as interrelações agentivas entre seres humanos e a natureza.

Trabalhando com povos indígenas e com comunidades ribeirinhas e quilombolas, venho desenvolvendo a ideia de “arqueologia sensível”, como uma forma de trabalhar com (e pelas) pessoas, nas comunidades. É uma forma de desprender a disciplina do passado e enviesar seu olhar ao devir amazônico. Neste sentido, a curadoria arqueológica (as formas de cuidar, de guardar, os acessos permitidos ou não, entre outros) se tornam aspectos basais à arqueologia praticada nesta região, onde as peculiaridades da experiência sensível das comunidades amazônicas junto a materialidade arqueológica (objetos e paisagens) definem aquilo que pode (ou não) ser eleito como “patrimônio” a ser salvaguardado, bem como maneiras mais respeitosas de lidar com essas coleções (CARVALHO, 2018; COSTA, 2004; LIMA, 2019).

De acordo com esta nova era de fertilização interdisciplinar, vejo a oportunidade de trazer a curadoria arqueológica ao diálogo intercultural, justo na esteira de debates sobre as chamadas “coleções étnicas” visando a interculturalidade e a museologia compartilhada na gestão das coleções arqueológicas (ver DE MELLO, PORTO; LIMA FILHO, 2019). Tal empreitada necessariamente requer uma análise e conceitualização mais integrada de elementos como: patrimônio, cultura material, ancestralidade, paisagem, lugar, história, memória e território. Esses conceitos ainda aparecem de maneira segmentada na arqueologia brasileira, salvo importantes exceções, já citadas, de trabalhos nessas interfaces (JACOME, 2017; MACHADO, 2017; OLIVEIRA, 2006; TUYUCA; VALLE, 2019; VALLE *et al.*, 2018, entre outros).

Defendo, na mesma linha desses trabalhos, que precisamos construir metodologias juntamente com outros sujeitos que não somente arqueólogos, para irmos além do interdisciplinar em nossas práticas curatoriais, para incorporarmos outras formas de construção de conhecimento, o que implica em novas formas de classificação e de gestão. Pois, os pensamentos, sentimentos e ações das pessoas e coletivos que se relacionam com os vestígios arqueológicos podem e devem transformar a ciência em suas epistemologias e práticas.

Na Amazônia, em particular, as relações notavelmente fortes entre pessoas e vestígios arqueológicos em suas materialidades e paisagens constituem uma potência privilegiada para a curadoria arqueológica, sobretudo quando a pesquisa colaborativa se coloca enquanto uma estratégia de interação. O desenvolvimento de pesquisas colaborativas em gestão do patrimônio constitui-se uma importante forma de entender e valorizar as formas de colecionamento, tão comuns nesta região, na medida em que responde a elementos culturais e dinâmicas sociais das próprias comunidades em suas formas de gestão, e promove o diálogo entre diferentes modos de construção do conhecimento sem privilegiar um em detrimento do outro, em diálogo multidirecional, transdisciplinar e intercultural.

Por fim, este tipo de abordagem colaborativa, que muitas vezes integra metodologias etnográficas no trabalho arqueológico dentro e fora da reserva técnica, cria pontes entre os acervos musealizados e as comunidades. A título de exemplo, trago trabalhos dos quais tive o privilégio de participar, no município de Parintins/AM. Embora a prática de colecionamento de peças arqueológicas na Amazônia seja muito difundida entre muitas comunidades rurais, Parintins sempre se destacou por suas coleções domésticas, e é uma referência para se pensar o lugar e status dessas coleções no âmbito da gestão arqueológica (LIMA *et al.*, 2013; BIANCHEZZI, 2022; MACHADO, 2023;).

O projeto<sup>3</sup> propôs socializar os conhecimentos sobre as coleções arqueológicas de Parintins - tanto aquelas musealizadas no Goeldi em Belém e em museus em Manaus, como as inúmeras coleções domésticas cuidadosamente guardadas pelos moradores do município. Ao colocar em evidência as narrativas, histórias e memórias das pessoas nas comunidades, promovendo momentos e espaços (inclusive virtuais) para conhecer e debater sobre as coleções arqueológicas de Parintins, pudemos integrar os sujeitos que agem na formação, na gestão e na divulgação dos conhecimentos que transbordam dessas coleções. Realizamos inventário participativo de coleções arqueológicas em Parintins e nos museus em outubro de 2021, séries de *lives* sobre o tema, incluindo debates com gestores municipais, estaduais e federais (IPHAN) transmitidas ao público pelo YouTube e que tiveram boa visibilidade e repercussão pública; e uma exposição virtual. Os resultados estão num sítio da internet, bem como foram publicados na forma de livreto, que foi distribuído gratuitamente nas escolas do município (BIANCHEZZI *et al.*, 2021). A proposta, justamente, foi a de dialogar com os diferentes agentes que interagem com o patrimônio arqueológico de Parintins: “moradores e moradoras das comunidades que reúnem materiais arqueológicos e convivem cotidianamente com estes vestígios, arqueólogos e arqueólogas que desenvolveram pesquisas no município, e instituições responsáveis pela guarda (...) além de representantes dos órgãos de gestão” (BIANCHEZZI *et al.*, 2021:2). Vi, naquela experiência, uma prática curatorial

3 “Divulgação arqueológica em tempos de pandemia, coleções de Parintins-AM e suas histórias”, coordenado por Clarice Bianchezzi e financiado pela FAPESPA (Edital de Popularização da Ciência –POP CT&I/2021). Website: <http://colecõesarqpin.com.br/>

Potências e desafios da interculturalidade na pesquisa em gestão de acervos arqueológicos

comprometida com justiça social (cf. PORTO, 2019), que se concentrou em criar conexões entre as coleções e as pessoas em suas diversas realidades, e promete frutos, inclusive em políticas públicas e educacionais num futuro próximo, acredito.

Clarice Bianchezzi e Elionete Esteves olham juntas e conversam sobre os fragmentos cerâmicos aflorando no Macurany, sítio arqueológico localizado às margens do lago Paranema, perto da cidade de Parintins. Elionete cuida com muito zelo de uma coleção com 921 peças, que recolheu neste sítio.



Fotografia de Maurício de Paiva, tomada nos trabalhos de campo do projeto, publicada em BIANCHEZZI et al., 2021: 45-46.

### **Pesquisa e colaboração como estratégias na curadoria arqueológica: experiências no Museu Goeldi**

Um dos principais desafios do Museu Goeldi, como já mencionei em outras ocasiões, é justamente atuar de forma mais dinâmica para atender a demandas contemporâneas e com ações que visem ao mesmo tempo a salvaguarda e a socialização, além de agregar novas camadas de conhecimento às coleções (LIMA, et al. 2018). Assim como Porto, “eu diria que o momento presente, da perspectiva de um museu baseado em coleções, é extremamente desafiador e cheio de potencial” (2019: 59). Gosto da ideia de desafio quando pensado junto com potencial, e ressalto que as potências podem vir de acervos animados: vivos e em movimento.

As coleções existentes no Museu Goeldi guardam em si um infindável potencial científico, cultural, histórico, e museológico, por certo já bastante explorado (VELTHEM et al., 2019), mas que pode seguir sendo escopo de projetos de diferentes naturezas por ainda muitas gerações de pesquisadores, cientistas ou não. A existência de significativos acervos culturais, bem como o próprio perfil e a trajetória do Museu Goeldi, que mantém uma longa tradição de pesquisa entre, e juntamente com, os diversos povos indígenas na Amazônia, são fontes de aderência de propostas interculturais na pesquisa e gestão de seus acervos. A seguir, mostrarei algumas potências que emergem de tais acervos, quando disponibilizados para novas possibilidades de leituras por diferentes coletivos, sejam eles de cientistas, artistas e comunidades tradicionais.

Pesquisa e reflexões a partir de ações que envolvem a organização física e acondicionamento do acervo arqueológico e a conservação, documentação e extroversão das coleções arqueológicas tuteladas no MPEG vêm sendo desenvolvidas e apresentadas ao público (p.ex. LIMA et al., 2018; LIMA; BARRETO,

2020), em ações que visam oferecer novas possibilidades para a conexão da coleção com diferentes grupos sociais, bem como proporcionar novas camadas de significados aos objetos. Estas se dão no âmbito acadêmico do projeto interdisciplinar “Estudos de curadoria, conservação e socialização da coleção arqueológica do Museu Goeldi”, desenvolvido em parceria com pessoas dos campos da museologia, conservação, arqueologia, educação e colaboradores de comunidades tradicionais, e que visa, entre outras coisas, construir uma nova política de acervo para a coleção. Almejamos, com as diversas ações em andamento e previstas para o futuro, fomentar produção de conhecimento sobre os acervos de forma mais integrada e contextualizada, e também solidificar a nossa nova política de gestão, acesso e socialização dos acervos culturais do Museu Goeldi. Saliendo que isso somente é possível devido ao quanto já se avançou em períodos anteriores de gestão, principalmente em termos de pesquisa, segurança, gerenciamento e da conservação da coleção (SIMÕES, 1981; VELTHEM; GUAPINDAIA, 2006; SILVEIRA *et al.*, 2017; GALUCIO *et al.* 2019).

Atualmente, a equipe de curadoria está desenvolvendo um complexo processo de reorganização física e movimentação do acervo arqueológico, em função de outras melhorias infraestruturais da reserva técnica. Esta ação, iniciada ainda antes da pandemia de Covid-19 em 2020 e ainda em andamento, é uma boa oportunidade para colocar em prática as novas diretrizes curatoriais, ao movimentar aproximadamente 3 mil objetos cerâmicos de grandes dimensões e cerca de 7 mil caixas contendo vestígios procedentes de diversas regiões da Amazônia, que já contaram ou estão por contar parte da vida de povos que habitaram a Amazônia há centenas ou milhares de anos atrás. Critérios levados em conta neste processo de reorganização, como os objetos simbolicamente sensíveis; áreas de visitação e áreas privativas; as alocações por região, projeto, coleções e ‘cultura’; e as limitações de acondicionamento (LIMA; BARRETO, 2020). Mas, não é do passado que vive a coleção: ao contrário, o que dá vida aos objetos e coleções salvaguardados na instituição é justamente a possibilidades inúmeras de novas leituras e ressignificações. E essas conexões com diferentes grupos sociais, que se estabelecem no presente, garantem também o futuro desta coleção.

Esclareço, ainda, que essa política ainda está em construção e vem se aperfeiçoando ao longo dos anos, de acordo com novas demandas que vêm surgindo. Mas, vemos o quanto ela é importante para guiar nossas ações cotidianas na coleção, sobretudo, mas não somente, em momentos de grandes transformações como é o nosso caso em Belém. O dia a dia na curadoria é permeado por decisões. Decisões de várias ordens e naturezas, que tomamos o tempo todo. Uma política com protocolos estabelecidos, com fluxos e processos mapeados, e diálogo constante entre a equipe e colaboradores, permitem que as decisões sejam mais bem-informadas. Destaco agora algumas diretrizes e experiências que têm nos orientado na curadoria da coleção arqueológica do Museu Goeldi, enquanto campo de pesquisa e de ação, e que considero enquanto potências deste acervo.

## **A potência dos acervos... pesquisados**

Minha abordagem na arqueologia concentrou-se durante muito tempo em caracterizar estilos tecnológicos de produção da cultura material arqueológica, com foco nas cerâmicas, e as implicações de práticas culturais de uso, consumo e descarte desses objetos para o registro arqueológico. Mais recentemente, tenho procurado aprender mais sobre a cadeia operatória da curadoria arqueológica para desempenhar com responsabilidade e qualidade esta função

na instituição. O conceito de cadeia operatória aplicado ao campo dos museus advém dos trabalhos de Cristina Bruno na linha da musealização da arqueologia (2013). Aqui, trato da ativação desse conceito no âmbito museológico-curatorial específico da arqueologia. Ainda em consonância com Bruno (2021), percorremos caminhos que, para além da “necessidade de interlocução teórica e metodológica entre os campos de conhecimento – Arqueologia e Museologia –, mas também podem indicar a necessidade de outras esferas de articulação interdisciplinar” e, sobretudo, na minha opinião, sejam percursos propositivos e capazes de realizar “ações aplicadas e práticas que possam interferir na ‘realidade arqueológica’ e ‘no gerenciamento museológico desta memória’” (BRUNO, 2021:5).

Sempre em colaboração com profissionais de outros campos e no âmbito do citado projeto “estudos de curadoria...”, temos enviesado as pesquisas para aspectos como a documentação e conservação de acervos, princípios do restauro arqueológico e do acondicionamento e, sobretudo, na socialização. O foco, então, é tornar a curadoria um campo de pesquisa e de ação, na produção ativa de conhecimento sobre acervos arqueológicos, e sempre em processos colaborativos e compartilhados.

Com as cerâmicas, que constituem considerável parte do acervo, as pesquisas com coleções antigas vêm avançando com resultados surpreendentes. Por exemplo, cerâmicas da Amazônia central coletadas por Mário Simões no âmbito do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas na Bacia Amazônica (PRONAPABA)<sup>4</sup> nos anos 1970 e 1980, depois de décadas “adormecidas”, foram acessadas partir de novas perguntas, que renderam uma melhor compreensão dos complexos cerâmicos locais, bem como dados osteológicos (dentários) inéditos (LIMA; CUNHA, 2017). A mesma coleção foi paralelamente alvo de pesquisa em documentação, organização e acondicionamento (SALES, 2016).

No campo do restauro arqueológico, em parceria com a Universidade Federal do Pará (UFPA), Maia promoveu a identificação dos tipos de restauro encontrados no acervo salvaguardado no MPEG, juntamente com a aplicabilidade da Teoria Contemporânea do Restauro na intervenção deste material (MAIA *et al.*, 2021:3). Ainda neste campo, e tendo a feliz presença de um técnico muito experiente com cerca de 40 anos de casa, temos promovido a capacitação de jovens neste campo, com treinamento prático.

No campo da documentação e conservação, especial atenção foi dada ao acervo metálico, que requer cuidados específicos e bem diferenciados. Estes trabalhos se concentraram na higienização, na criação de ficha catalográfica para documentação, e no acondicionamento controlado e monitorado (SILVA, 2018; CHAVES, 2022, NASCIMENTO, 2022).

Da mesma forma, os acervos osteológicos requerem *expertise* que especialistas do campo da bioarqueologia podem oferecer. Em colaboração com a UFPA, novamente, promovemos um inventário geral do acervo, que já havia sido iniciado por Cunha (2018), e agora mais detalhado e associado a ações curatoriais como higienização e acondicionamento, quando necessário, associado ao desenho de um perfil biológico para populações representadas em algumas das coleções. Particularmente, as regiões de Marajó e Maracá configuram importantes e distintos contextos funerários, que têm gerado questionamentos quanto às formas de acondicionamento, conservação e socialização destes acervos sensíveis, como se lê brevemente a seguir.

4 Coordenado por Mário Ferreira Simões (Museu Paraense Emílio Goeldi - MPEG)

## A potência dos acervos... reconectados e recontextualizados

Para a maioria dos antropólogos, o contextualismo é uma crença epistemológica e um importante instrumento metodológico: “apesar das suas aporias teóricas, [ele] funciona bem como um princípio heurístico para dar sentido aos dados do trabalho de campo” (FAUSTO, 2002: 670). Para arqueólogas e arqueólogos, é uma janela para pensarmos as coleções para além dos aspectos físicos de sua materialidade para dar sentido aos objetos e suas representações, gerando conhecimentos mais amplos. Se conhecimento depende do contexto, logo, os critérios para o conhecimento – e gestão – são contextuais e irão variar, dependendo sempre dos sujeitos envolvidos.

Com vistas a “acordar” os objetos na reserva técnica à novas possibilidades de geração de conhecimento, os estudos para reconexão de acervos (tridimensionais e documentais) e sujeitos têm guiado nossas iniciativas enquanto diretriz para pesquisa e gestão. Para as urnas funerárias Maracá, Silva desenvolveu uma pesquisa de forma a reconectar urnas funerárias com os remanescentes humanos, e aos contextos em que foram originalmente encontradas (SILVA *et al.*, 2021). Aqui, os corpos cerâmicos estão sendo reunidos aos seus corpos biológicos (osteológicos), devolvendo a individualidade de cada um destes sujeitos Maracá que hoje habita a reserva técnica.

Com as cerâmicas marajoaras, a abordagem rendeu importantes reflexões sobre a dispersão, ou êxodos, de enormes coleções do Marajó distribuídas por vários museus, bem como sobre o ato de exibir estes itens funerários para o grande público. Em um diagnóstico de intervenções antigas e fraturas recentes, confrontado com a documentação, Simas determinou a existência de fragmentos pertencentes aos mesmos objetos distribuídos em duas ou até em três instituições diferentes (SIMAS *et al.*, 2019). Neste mesmo contexto, Simas e nos provoca a refletir sobre questões complexas relacionadas com a conservação e gestão dessas coleções, doações e descontextualização de acervos, políticas de empréstimo e partilha de coleções de objetos formados por fragmentos ao cuidado de diferentes instituições (IDEM).

Souza Lima (2020), construiu a história de vida de uma urna marajoara que foi historicamente individualizada e descontextualizada (SOUZA LIMA, *et al.*, 2020), bem como analisou o processo de reprodução de sua imagem em diversos suportes no Marajó e a feitura de uma réplica artesanal dela na reserva técnica (SOUZA LIMA, 2023). De fato, a proposta de construir histórias de vida (de pessoas e de objetos, ambos entendidos como sujeitos) a partir do acervo tem mostrado um enorme potencial.

## A potência dos acervos... documentados e socializados

Documentar as ações da RT, inclusive os processos de ressignificação, por diferentes públicos têm sido uma importante forma de conhecer melhor nosso acervo e suas potências. Numa perspectiva contextualista, temos aprendido que também os registros passam por significações e ressignificações entre diferentes sujeitos e tempos. Uma história que o Museu Goeldi tem muito para contar, dada a longevidade das pesquisas na instituição: das coletas feitas ainda no século 19 por pioneiros da arqueologia amazônica às classificações do século 20 pelo PRONAPABA, formas distintas de documentação vieram sendo implementadas na instituição, e refletem uma memória do próprio desenvolvimento da arqueologia enquanto campo científico.

A implementação de um único banco de dados digital que integre objetos e suas documentações de pesquisa e museológicas, para gestão e socialização das coleções está em processo (BARRETO, 2022): a futura IGAÇABA – Base de acervos arqueológicos do Museu Goeldi, quando implementada, promete avanços no que tange a gestão da coleção. Digitalização e virtualização de coleções são ferramentas importantes tanto para a salvaguarda e para a socialização na medida em que propiciam interlocução entre públicos diferenciados e as coleções. Um passo seguinte, também em andamento, é a integração virtual e difusão tecnológica dos acervos culturais da instituição, que incluem as coleções de Linguística, Arqueologia e Antropologia. O projeto prevê a ampliação na capacidade de armazenamento dos dados, o emprego de tecnologias de ponta para visualização e análise das coleções, com modalidades de busca otimizada que possibilitem referências cruzadas entre as coleções, bem como o acesso remoto a itens do acervo. A base de dados digitais integrada, a ser promovida pelo LabHumanas<sup>5</sup>, se adapta à natureza interdisciplinar das pesquisas em sociodiversidade amazônica e às demandas de comunidades tradicionais, que não separam os acervos tal como as disciplinas científicas. Um bom desafio que se coloca adiante das curadorias já que a disponibilização (ou seja, interpretações e traduções) destes acervos institucionais passa, necessariamente, por diversos sujeitos sociais: razão pela qual estes devem ser acessados e acessíveis.

### **A potência dos acervos... acessados e acessíveis**

Talvez a primeira e mais evidente potência dos acervos esteja justo em sua interrelação com o público, no encontro entre sujeitos. Quando acessados e acessíveis, os acervos se tornam potentes vetores de comunicação. As exposições são, naturalmente, a forma mais antiga e tradicional dos museus comunicarem seus acervos – e criarem mensagens – para a sociedade. Enquanto “instrumentos para a produção, reprodução e difusão de conhecimentos, são espaços para a circulação de ideias, e, deste modo, profundamente ideológicas e essencialmente políticas” (IBRAM, 2017: 9). Elas são traduções de anseios, medos questionamentos... “Expôr é também, e sobretudo, propor” (Idem).

“Diversidades Amazônicas” é a nova exposição de longa duração do Museu Goeldi, e foi inaugurada em setembro de 2022. Os cinco módulos “Origens”, “Espécies”, “Ambientes”, “Culturas” e “Futuros” propõem uma jornada expositiva que começa no passado geológico da Amazônia e chega ao presente, com um convite para garantirmos, juntos, o futuro da região. Dentro da arqueologia, que compõe o módulo “Culturas” e já no final do percurso expositivo, antiguidade e diversidade das ocupações humanas se unem ao vislumbre de futuros da Amazônia. Objetos sensíveis, como urnas funerárias, não estão expostos por razões éticas, explícitas ao público. Deixo a ressalva, contudo, que nem sempre (ou dificilmente) temos a capacidade de definir aquilo que é considerado sensível, que está na seara do “sagrado” e o que pode, ou não, ser exposto, e como. Defendo que conseguimos chegar mais perto disso quando apoiados nas leituras das comunidades tradicionais, ou indígenas, que acessam esses materiais. É quando, então, devemos estar atentos para ouvir e aprender.

5 Projeto LABHUMANAS: Inovação tecnológica e ampliação do acesso aos acervos culturais do Museu Goeldi. Agência Financiadora: FINEP, edital MCTIC/FINEP/CT-INFRA 04/2018, coordenação: Hendrikus van der Voort (COCHS/MPEG).

Réplicas, legendas em braile e audiodescrição, por sua vez, promovem caminhos para promover a acessibilidade e inclusão de públicos de contexto da pessoa com deficiência (PcD). Temos promovido acesso, e com apoio uma estudante de graduação, temos nos colocado o desafio de promover a acessibilidade ao público PcD também à reserva técnica, que é visitável. Uma vez mais, as réplicas desempenham um importante papel. Mas, a proposta é formar uma metodologia de acessibilidade prática e acessível para os colaboradores do museu e a comunidade PcD, haja vista que a coleção (laboratórios, reserva técnica) devem estar preparados para receber pesquisadores, estudantes, colaboradores e visitantes PcD que adentram este espaço (SOARES, 2023).

O que torna o processo tão fascinante não é a coleção sozinha, mas a vitalidade dos encontros promovidos junto e em torno dela. O entendimento das relações e ressignificações permite uma abordagem dialógica entre diferentes formas de conhecimento, e é a presença constante e interação de pessoas e coletivos diversos – interdisciplinares, intergeracionais, interculturais – que tornam a coleção do museu Goeldi tão especial, e sua gestão tão prazerosa. A potência dessas materialidades está justo na sua capacidade de diálogo com as pessoas. Vemos isso com diferentes faixas-etárias, inclusive com o público estudantil, que temos privilegiado em algumas ações, como no “Museu de Portas Abertas”, um programa voltado às escolas de ensino médio e fundamental, universidades e centros comunitários de Belém. Durante muitos anos, foi coordenado pela pesquisadora Helena Quadros (*in memoriam*). Desenvolvido anualmente, é uma ocasião em que se abrem ao público as coleções e os laboratórios de pesquisa do museu, aproximando a produção científica das pessoas que participam das visitas, que incluem as vizinhanças do campus. São priorizadas as escolas do bairro da Terra Firme (onde está localizado o *campus* de pesquisa), mas há procura de escolas do interior do Estado, que são atendidas da mesma forma. Nas palavras de Quadros, o programa é sintetizado: “informações científicas são dinamizadas a partir de uma ação integrada de vários profissionais do MPEG, através de palestras, exposições temáticas e kits. Os recursos procuram popularizar a ciência como bem cultural da humanidade” (QUADROS, 2019:143).

No *campus* de Pesquisa, as visitas são realizadas nas reservas técnicas acompanhadas pelos curadores, técnicos e colaboradores. Na arqueologia, os visitantes do campus de pesquisa passam a visitar não só os laboratórios, conhecer a coleção, mas também podem manusear peças replicadas, o que amplia acessibilidade, mas também permite que o público tenha acesso a toda a cadeia operatória de pesquisa e curadoria da arqueologia no Museu Goeldi, que agora envolve sistematicamente a produção de réplicas artesanais como forma de extroversão do acervo.



Campus de pesquisa MPEG, 2018, Foto: Hugo Chaves, publicado em: QUADROS, 2019:150

### A potência dos acervos... replicados e reinterpretados

Recentemente cadastrado enquanto uma tecnologia social, o projeto “Replcando o Passado: Socialização do acervo arqueológico do Museu Goeldi através do artesanato cerâmico de Icoaraci”<sup>6</sup> vem sendo desenvolvido desde 2016. O conceito de Tecnologia Social se refere a uma “proposta inovadora de desenvolvimento, considerando uma abordagem construtivista na participação coletiva do processo de organização, desenvolvimento e implementação, aliando saber popular, organização social e conhecimento técnico-científico”<sup>7</sup> (MCTI, 2023).

O coletivo reúne pesquisadores e ceramistas do Paracuri, uma comunidade oleira de Icoaraci, em Belém, que se dedicam ao estudo e à reprodução de peças arqueológicas do Museu. O grupo foi formado com o objetivo de divulgar o acervo arqueológico do museu e fomentar a prática cerâmica junto àquela comunidade (LIMA et al., 2018; LIMA; BARRETO, 2020; SOUZA LIMA, 2023). Com base no estudo aprofundado de objetos arqueológicos, essas réplicas materializam conhecimentos sobre a tradição milenar indígena da arte cerâmica amazônica, e valorizam as práticas artísticas contemporâneas. Essas peças passam a fazer parte de coleções didáticas de museus e exposições ao redor do mundo, e passam a ser usadas para fins educacionais e de acessibilidade. Atualmente, réplicas de cerâmicas produzidas no âmbito do projeto, juntamente com outros coletivos e artistas, se encontram expostos em Nova York<sup>8</sup>, em São Paulo, e em Icoaraci (onde se localiza a comunidade do Paracuri). O projeto é concebido não só enquanto parte da política de acervo, na medida em que preserva as

6 Membros do coletivo incluem: Lídia Abraham, Deo Almeida, Cristiana Barreto, Stefano Cúnico, Helena Lima, Leonardo Lopes, Josué Pereira, Marcelle Rolim, João Sarmento, Raimundo Teodório, e Marivaldo Sena.

7 [https://antigo.mctic.gov.br/mctic/opencms/ciencia/politica\\_nacional/\\_social/Tecnologia\\_Social.html](https://antigo.mctic.gov.br/mctic/opencms/ciencia/politica_nacional/_social/Tecnologia_Social.html)

8 Exposição “Deep Marajo: contemporary marajoara ceramics”, em exibição no espaço expositivo da biblioteca e arquivo da Americas Society, em Nova York. Organizado em parceria com MPEG e com apoio do Consulado-Geral do Brasil em Nova York. <https://www.as-coa.org/exhibitions/deep-marajo-contemporary-marajoara-ceramics>

peças originais ao mesmo tempo em que amplia o seu alcance público por meio das réplicas, inclusive em seu potencial educativo. Replicando o Passado convida para dentro da reserva técnica uma comunidade local que é extremamente envolvida e afetada pelo acervo do Museu.

Artistas locais e de várias partes do mundo procuram a coleção do MPEG para fonte de inspiração de obras artísticas, o que vem a transformar e ampliar os múltiplos significados das cerâmicas arqueológicas amazônicas. Ao inspirarem novas criações, sejam cópias, réplicas, ou outros objetos suggestionados pelas cerâmicas arqueológicas antigas, elas, as cerâmicas, passam a ter sua agência multiplicada e seu alcance estendido, ultrapassando fronteiras de tempo e espaço. Sobre a “agência estendida” desses “objetos resistentes” (BARRETO, 2020; BEZERRA, 2020; SOUZA LIMA, 2023), nas palavras de Bezerra,

Sua importância está nessa onipresença silenciosa. Enfim, não importa se são réplicas, híbridos, kitsch, se os grafismos estão reproduzidos de forma plena, ou apenas inspiram outros grafismos, o que é relevante é reconhecer que esses objetos produzidos no presente, em diálogo com o passado, são resultantes da reverberação dos sítios e artefatos arqueológicos e, assim sendo, contribuem para a valorização e para a permanência da arte indígena de longa duração na Amazônia (BEZERRA, 2020: 14-15).

Performance de Anita Ekman (pintura corporal com carimbos marajoara e ocre) com Urna Majoara (estilo Joanes) no Museu Paraense Emílio Goeldi, 2022.



Anita Ekman: Tupi or not Tupi. Como se deve (re)escrever a história do Brasil. 2022. Série Ocre Marajó - Museu Paraense Emílio Goeldi. Fotografia de Edu Simões. A série integra a pesquisa curatorial do projeto Ore ypy rã – Tempo de Origem, de Sandra Benites e Anita Ekman. Realizado com a Bolsa de Artes Visuais -2021 concedida pelo Instituto Goethe e Consulado da França no Rio de Janeiro. A obra foi exposta na mostra “Deep Marajó: Contemporary Marajoara Ceramic” no Americas Society em Nova York (jan-jul 2023) e atualmente encontra-se exposta na Bienal das Amazônias em Belém (ago-nov 2023).

Em setembro de 2022, o Ateliê Arte Mangue Marajó, no município de Soure, no Leste do Arquipélago do Marajó sediou o projeto “Atlas de Achados Perdidos”<sup>9</sup>, do qual o Museu Goeldi e o acervo arqueológico somos partícipes. O projeto promoveu um encontro de dezenas de pessoas – artistas designers, e pesquisadores, locais e vindos de fora, inclusive estrangeiros, indígenas do rio Negro e ceramistas do Replicando o Passado - para desenvolvermos criações coletivas em cerâmica em torno da arqueologia marajoara. A proposta foi a de rematerializar digitalizações em 3D de cerâmicas marajoaras, entre elas: uma urna que se perdeu no incêndio do Museu Nacional em 2018; uma grande urna diaspórica que se encontra em um museu na Europa; e uma urna do Museu Goeldi. Os arquivos digitais foram impressos em argila, com a matéria-prima marajoara destas cerâmicas, e então trabalhadas, dialogadas e retrabalhadas coletivamente. Esses arquivos em 3D possuem uma enorme potência em processos coletivos de rematerialização: através do ato de copiar e rematerializar partilham-se diferentes tipos de conhecimentos, surgem novos diálogos e se integram de diferentes perspectivas e visões destas obras e processos.

Interessante pensar ainda que a experiência acabou gerando um novo acervo, composto por várias obras que materializam a experiência. Uma das grandes urnas que se fragmentou durante o processo de queima encontrou, no Museu Goeldi, novas mãos que estão cuidando de seu restauro. Adiante, a riqueza e diversidade de todo o acervo produzido serão exibidas ao público em uma futura exposição que valoriza encontros: entre arte e tecnologia, passado e contemporâneo, ancestralidade e inovação, em uma diversidade de saberes, de leituras, de interpretações. Um verdadeiro encontro intercultural.

FIGURA 5: a) Urna Marajoara escaneada no Museum Aan de Stroom (MAS), na Antuérpia/Bélgica. Fotos b, c, e) a rematerialização: urna sendo impressa em impressora 3D em argila, trabalhada pelas mãos artísticas de ceramistas marajoaras e de outras regiões. Foto e) a urna sendo queimada, também no ateliê Arte Mangue Marajó (Soure/PA); e, finalmente, Foto f) ela sendo restaurada, após fraturar-se ao queimar, e já no Museu Goeldi em Belém, como parte de curso prático de restauro.



Fotos a;b;c;e tomadas em setembro de 2022 por Dries Verbruggen ; Foto d por Cilene; Foto f: Helena Lima). Parte do projeto Atlas of Lost Finds (atlas de Achados Perdidos), Estúdio Unfold (Bélgica).

9 Projeto do Estúdio Unfold na Bélgica, coordenado por Claire Warnier, que conta com diversas parcerias brasileiras e internacionais: <https://www.lostfinds.org/marajoara/#>

## A potência dos acervos... junto aos povos originários, seus donos primeiros

Numa iniciativa de requalificação das potentes coleções etnoarqueológicas, e contando com colaboradores indígenas Kuikuro do Alto Xingu, estamos promovendo processos compartilhados de curadoria<sup>10</sup>. No MPEG, coleções etnográficas alto-Xinguanas totalizam 275 objetos coletos por Galvão, Frikel e Mário Simões. Já a coleção arqueológica é extensa e contabiliza 167 caixas de objetos, oriundos de pesquisas em 65 sítios arqueológicos pesquisados por M. Simões, Pierre Becquelin e Michael Heckenberger. Dada a impressionante continuidade cultural das cerâmicas arqueológicas e as contemporâneas em termos de formas, usos e inserção no sistema de trocas alto-xinguno, esta coleção apresenta enorme potência para o desenvolvimento de novas metodologias de curadoria compartilhada.

Em março de 2020, com Yanama e Sepé Kuikuro, demos início a essa proposta de curadoria colaborativa no Museu Goeldi, para trabalharmos em conjunto as coleções etnográficas e arqueológicas Xinguanas. A segunda visita se deu em setembro de 2022, com a presença do cacique Afukaka Kuikuro e seu neto Kalutata, atual presidente da Associação Indígena Kuikuro do Alto Xingu (AIKAX). Além das cerâmicas arqueológicas existentes, Afukaka e Kalutata doaram novos objetos para a coleção do Museu. Cestos, redes, esteiras e armadilhas de pesca estiveram entre as importantes doações feitas na ocasião. Durante a visita, o cacique contou extensamente sobre o trabalho arqueológico realizado em parceria com Heckenberger desde os anos 1990.

Para proceder à análise, procuramos perceber as transformações da cultura material ao longo do tempo, bem como suas formas particulares de inserção no complexo sistema Xinguno de relações multiétnicas e multilíngues, cujas origens remontam a mil anos (HECKENBERGER, 2005; FAUSTO, 2005). Juntos, estamos revendo as planilhas e documentações sobre os sítios e coleções Xinguanas, que são antigas, e estamos atualizando com novos dados e informações. A intensão é criar um extenso e detalhado banco de dados compilando materiais contextuais, com referência cruzada para fotos e vídeos disponíveis, coletados em colaboração com os Kuikuro, além de histórias de vida de objetos e *story maps*<sup>11</sup> para comporem o Geoportal da AIKAX, cujos direitos sobre usos e compartilhamentos são exclusivos da associação: os verdadeiros donos de tais acervos. Qualquer demanda para acesso e uso destes materiais deverá ser solicitada mediante protocolo de consulta livre prévia e informada, que estamos apoiando a construção, em conjunto com a associação.

Este processo nos está ensinando, inclusive, o quanto é preciso repensarmos o trânsito e as fronteiras entre acervos arqueológicos e etnográficos, pois estes não podem ser abordados separadamente num processo como este que estamos a desenvolver. É particularmente importante considerar, ainda, as interações entre múltiplos sujeitos e agências (humanos e não-humanos) que

10 No alto rio Xingu, aonde a convite de Michael Heckenberger, que leva quase trinta anos trabalhando com povos Kuikuro nessa região, passei a integrar e, mais recentemente, a coordenar, junto com Bruna Franchetto, a equipe do **Projeto Etnoarqueológico Kuikuro do Alto Xingu** (Processo IPHAN nº 01425.000070/2018-77, Processo FUNAI nº 08620.000250/2018-91). O projeto faz parte de uma colaboração mais ampla dos Kuikuro com o Museu Nacional (UFRJ) e em pesquisas etnoarqueológicas anteriores. É uma continuação das pesquisas arqueológicas realizadas por ele desde os anos 1990, que geraram uma imensa base de dados sobre a ocupação da área hoje conhecida como Território Indígena do Xingu. Este projeto foi um dos pioneiros da pesquisa colaborativa com povos indígenas no Brasil e é tido como referência em seu campo.

11 <https://storymaps.arcgis.com/stories/d13c50b64ada4e53856b3d4d64a08bcb>

Potências e desafios da interculturalidade na pesquisa em gestão de acervos arqueológicos

interagem ao longo do processo da pesquisa (LIMA, 2020). A integração desses dados, inclusive – mas não somente, em ambiente virtual – pode vir a atender demandas dos Kuikuro e apoiá-los no anseio de criação de um espaço expositivo próprio e próximo da terra indígena no Mato Grosso.

Através da amizade com o Mike [Heckenberger], quando ele chegou na Terra indígena Kuikuro em 1990, o Mike explicou para ele que todos os materiais estão aqui no Museu (...). Depois dessa visita, meu vovô está pensando em fazer um museu para guardar todo o material que a gente usa lá no território indígena. Como um exemplo: as cerâmicas, os cestos, as redes, o caramujo que é muito valioso pra gente. (Kalutata Kuikuro, traduzindo a fala de seu vovô Afukaka da língua Kuikuro para Português, Belém, campus de pesquisa do MPEG, 20 de setembro de 2021).

FIGURA 6: da esquerda para direita, Bruno Moraes, Helena Lima, Afukaka Kuikuro, Kalutata Kuikuro, com coleção confeccionada para integrar o acervo do Museu



Campus de pesquisa do MPEG, Setembro de 2021, Foto: Brenda Taketa.

### Da curadoria arqueológica (e da arqueologia sensível)

As experiências de curadoria da coleção arqueologia no Museu Goeldi, brevemente compartilhadas aqui, mostram que é preciso desenvolver protocolos integrados de ação que sejam mais sensíveis às dinâmicas (históricas, sociopolíticas, econômicas, culturais e ambientais) envolvidas na constituição e na gestão dos complexos acervos arqueológicos da Amazônia. Aprendemos, afinal, que a cadeia operatória da curadoria arqueológica – assim como a própria Arqueologia – não está a tratar de objetos. Antes, e sobretudo, ela é sobre sujeitos: sujeitos-objetos, sujeitos-pessoas, pois nós pessoas e os objetos somos todos sujeitos, que interagimos o tempo todo. Aprendemos ainda que ambos os conceitos, o de interdisciplinaridade e o de interculturalidade são, em certa medida, um mesmo esforço em abrir-nos e estender-nos ao diálogo, à tradução. No primeiro caso, trata de uma busca ou resgate de um fazer científico mais amplo do ponto de vista disciplinar, um movimento contra a histórica compartimentalização e especialização exagerada da ciência do século 20. Indo além,

vemos que a não-disciplinarização está no cerne do conhecimento – amplo e abrangente – que é praticado e construído por muitas comunidades tradicionais e indígenas. Enquanto os esforços interdisciplinares superam as barreiras da compartimentalização da ciência, são os esforços interculturais que quebram as barreiras colonialistas e abrem as práticas de pesquisa e gestão à outras epistemologias.

Muitos dos projetos e ações apresentadas neste texto se encontram em andamento, de forma que ainda se desenvolverão e se transformarão. Comum a todos eles, está a preocupação em criar interfaces efetivas e transformadoras na vida dos sujeitos (pessoas e objetos) envolvidos. É, senão este, o papel dos museus junto à sociedade? Em momentos de crise como o que passamos na atualidade, mais do que nunca precisamos fortalecer as redes estendidas de ações e de relações junto à sociedade. Voltando à pergunta que abre o texto, penso que o novo lugar do museu – e o novo lugar dos acervos – está nas vidas das pessoas, das comunidades. Pois, as relações e laços entre pessoas e acervos vão muito além das paredes do Museu, e são as interrelações que dão vida a eles.

Hoje, assim como no passado, o Museu Goeldi continua sendo uma importante referência para a pesquisa arqueológica na Amazônia, tanto por suas coleções, quanto por unir coleções e comunidades em nível institucional. Resultados são novos processos curatoriais e metodologias inovadoras, que podem ainda trazer subsídios à formação de políticas públicas mais sensíveis às comunidades tradicionais. Para além dos muros da reserva técnica vejo igualmente importante explorar, *in loco*, a experiência sensível do mundo material dos objetos e das paisagens construídas, enquanto lugares significados, para nos aproximarmos mais das complexas teias de relações entre essas materialidades e as sociedades humanas, no presente e no passado. Para isso, os métodos convencionais da arqueologia e ciências afins sozinhos, são insuficientes para revelar elementos latentes do universo material que são, em alguns casos, essenciais para entender os conhecimentos, conceitos e práticas indígenas e de outros povos da floresta amazônica.

Ainda, e para fechar, é preciso dizer que as cerâmicas e outros vestígios arqueológicos, eles falam, e têm muito a nos dizer. Cabe a nós saber escutar...

FIGURA 7: Mãos dos ceramistas do Projeto Replicando o Passado se encontram sobre réplica de cerâmica Marajoara



Campus de pesquisa do MPEG, 2018, foto de Lídia Abrahim.

**Agradecimentos**

Este artigo é parte do projeto “Arqueologias, materialidades e paisagens entre os povos da floresta”, apoiado por uma bolsa de produtividade do CNPq – nível 2 (Processo: 306348/2020-9), e de vários outros projetos mencionados no texto, que resultam de esforços coletivos de muitas pessoas e apoios, a quem agradeço. Em específico, resalto a atuação comprometida da diminuta equipe de curadoria do MPEG, os técnicos Leonardo Lopes Machado e Raimundo Teodório; e em especial a colaboração de Cristiana Barreto e Marcelle Rolim de Souza Lima, que dividiram comigo muitos dos esforços aqui descritos. Agradeço, ainda, Bruno Moraes por fazer uma leitura do manuscrito e me lembrar que preciso ainda agradecer Petrônio Medeiros, cujas ideias e conversas inspiraram boa parte das reflexões aqui presentes. Finalmente, os comentários trazidos por pareceristas anônimos contribuíram para melhorar o texto.

**Referências**

ALMEIDA, Fernando Ozorio de; KATER, Thiago. As cachoeiras como bolsões de histórias dos grupos indígenas das terras baixas sul-americanas. *Revista Brasileira de História*, v. 37, p. 39-67, 2017. <https://doi.org/10.1590/1806-93472017v37n75-02a>

BALÉE, William. Sobre a indigeneidade das paisagens. *Revista de Arqueologia*, v. 21, n. 2, p. 9-23, 2008. <https://doi.org/10.24885/sab.v21i2.248>

BARCELOS NETO, Aristóteles. A cerâmica wauja: etnoclassificação, matérias-primas e processos técnicos. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, n. 15-16, p. 357-370, 2006. <https://doi.org/10.1590/2178-2547-BGOELDI-2019-0106>

BARRETO, Cristiana. Compartilhando O Passado: Um Projeto Piloto Para A Virtualização Do Acervo Arqueológico Do Museu Goeldi, Relatório não Publicado. Programa de Capacitação Institucional PCI/MPEG/CNPq. 2022.

BARRETO, Cristiana. Do teso marajoara ao sambódromo: agência e resistência de objetos arqueológicos da Amazônia. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 15, 2020.

BEZERRA, Marcia. A urna bordada: artesanato e arqueologia na Amazônia contemporânea. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 15, 2020. <https://doi.org/10.1590/S1981-81222011000100005>

BEZERRA, Marcia. As moedas dos índios: um estudo de caso sobre os significados do patrimônio arqueológico para os moradores da Vila de Joanes, ilha de Marajó, Brasil. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 6, n. 1, p. 57- 70, 2011. <https://doi.org/10.1590/S1981-81222011000100005>

BEZERRA, Marcia; CABRAL, Mariana. Dossiê: Arqueólogos e Comunidades Locais na Amazônia. *Amazônica - Revista de Antropologia*, v. 6, n. 2, p. 281-282, 2014.

BIANCHEZZI, Clarice. *Entre cacos e flores: apropriações, usos e significados dos vestígios arqueológicos pelos moradores do sítio Macurany, Parintins, Amazonas*. Tese (Doutorado em Antropologia), Belém, Universidade Federal do Pará, 2022.

BIANCHEZZI, Clarice; SANTOS, Adriano Márcio dos; BASSI, Filippo Stamparoni; LIMA, Helena Pinto; MACHADO, Michel Carvalho; CRUZ, Alef Fernandes; BATISTA FILHO, Arnoud de Oliveira; PAIVA, Maurício de. *Fragmentos: arqueologia, memórias e histórias de Parintins*. 1. ed. – Parintins, AM: Eskenazi Gráfica, 2021. 64 p.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Musealização da arqueologia: alguns subsídios e antecedentes. *Revista Hawò*, v. 2, 2021.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Musealização da Arqueologia: caminhos percorridos. *Revista de Arqueologia*, v. 26, n. 2, p. 04-15, 2013. <https://doi.org/10.24885/sab.v26i2.379>

CABRAL, Mariana Petry. “E se todos fossem arqueólogos?”: experiências na Terra Indígena Wajãpi. *Anuário Antropológico*, v. 39, n. 2, p. 115-132, 2014. <https://doi.org/10.4000/aa.1269>

CABRAL, Mariana Petry. No tempo das pedras moles: arqueologia e simetria na floresta. *Revista Habitus-Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia*, v. 12, n. 2, p. 331-332, 2015.

CARVALHO, Luciana Gonçalves. Aporias da proteção do patrimônio cultural e natural de uma comunidade remanescente de quilombo na Amazônia. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, v. 37, p. 210-231, 2018.

CHAVES, Juliane Roberta Chaves e. Documentação do acervo de artefatos arqueológicos metálicos do Laboratório de Arqueologia Histórica do Museu Paraense Emílio Goeldi. Relatório de bolsa de Iniciação Científica. PIBIC/MPEG/CNPq, 2022.

CLEMENT, Charles R.; et al.; The domestication of Amazonia before European conquest. *Proceedings of the Royal Society B: Biological Sciences*, v. 282, n. 1812, p. 20150813, 2015. <https://doi.org/10.1098/rspb.2015.0813>

CUNHA, Claudia Minervina. A História Escrita nos Dentes do Goeldi: Antropologia Dentária e Afinidades Biológicas de Populações Amazônicas. Relatório não publicado. Programa de Capacitação Institucional PCI/MPEG/CNPq. 2018.

CURY, Marília Xavier. Museologia, comunicação museológica e narrativa indígena: a experiência do Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuíre. *Museologia & Interdisciplinaridade*, v. 1, n. 1, p. 49-76, 2012. <https://doi.org/10.26512/museologia.v1i1.12345>

DE MELLO, Adriana Russi Tavares. PORTO, Nuno; LIMA FILHO, Manuel (Org). *Coleções étnicas e museologia compartilhada*. Goiânia: Imprensa Universitária, 2019. 261 p. *Hawò*, v. 1, p. 1-9, 2020.

FARIA, Ivani. Por uma Educação Indígena Superior: a experiência do Curso de Licenciatura Indígena Políticas Educacionais e Desenvolvimento Sustentável da Universidade Federal do Amazonas. In: *Educación superior y pueblos indígenas y afrodescendientes en América Latina: políticas y experiencias de inclusión y colaboración intercultural*, 2018.

FARIA, Ivani. APRENDIZAGEM PELA PESQUISA E CURRÍCULO PÓS-FEITO: uma proposta intercultural para descolonização do saber e autonomia dos povos indígenas. In: Faria, Ivani. (Org.). *Descolonizando a academia: cruzando os rios da interculturalidade, percorrendo as trilhas para autonomia*. Ied.Curitiba: CRV Editores, 2020, p. 207-231

FAUSTO, Carlos. The bones affair: Indigenous knowledge practices in contact situations seen from an Amazonian case. *Journal of the Royal Anthropological Institute*, v. 8, n. 4, p. 669-690, 2002.

FAUSTO, Carlos. 2005. "Entre o passado e o presente: mil anos de história indígena no Alto Xingu." *Revista de Estudos e Pesquisas* 2.2: 09-52, 2005.

FRANÇOZO, Mariana; BROEKHOVEN, Laura. Dossiê Patrimônio indígena e coleções etnográficas. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas* 12.3: 709-711, 2017. <https://doi.org/10.1590/1981.81222017000300002>

FERNANDES, Elizama Nascimento. Acondicionamento do acervo metálico do Laboratório de Arqueologia Histórica do Museu Paraense Emílio Goeldi. Relatório de bolsa de Iniciação Científica. PIBIC/MPEG/CNPq, 2022.

GARCÉS, Claudia Leonor López; DE ROBERT, Pascale; COELHO-FERREIRA, Márlia. Pesquisas científicas em colaboração com povos indígenas: uma tradição de diálogos e inovações metodológicas no Museu Goeldi. *Ambiente e sociedade na Amazônia: uma abordagem interdisciplinar*. p. 407-431, 2014.

HECKENBERGER, Michael. 2005. *The ecology of power: culture, place, and personhood in the southern Amazon, AD 1000-2000*. Psychology Press. 2005

HECKENBERGER, Michael J. et al. Pre-Columbian urbanism, anthropogenic landscapes, and the future of the Amazon. *Science*, v. 321, n. 5893, p. 1214-1217, 2008. <https://doi.org/10.1126/science.1159769>

HECKENBERGER, Michael; NEVES, Eduardo Góes. Amazonian archaeology. *Annual Review of Anthropology*, v. 38, p. 251-266, 2009. <https://doi.org/10.1146/annurev-anthro-091908-164310>

HOLTORF, Cornelius. Notes on the life history of a pot sherd. *Journal of material culture*, v. 7, n. 1, p. 49-71, 2002.

Instituto Brasileiro de Museus. *Caminhos da memória: para fazer uma exposição*. pesquisa e elaboração do texto Katia Bordinhão, Lúcia Valente e Maristela dos Santos Simão – Brasília, DF: IBRAM, 2017. 88p.

ICOM. Nova Definição de Museu. Definição aprovada em 24 de agosto de 2022 durante a Conferência Geral do ICOM em Praga. [http://www.icom.org.br/?page\\_id=2776](http://www.icom.org.br/?page_id=2776) IPHAN, Política do Patrimônio Cultural Material. Departamento de Patrimônio Material e Fiscalização, 2018 In: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/publicacao\\_politica\\_do\\_patrimonio.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/publicacao_politica_do_patrimonio.pdf)

JACOME, Camila Pereira. *Dos Waiwai aos Pooco-Fragmentos de história e arqueologia das gentes dos rios Mapuera (Mawtohrî), Cachorro (Katxuru) e Trombetas (Kahu)*. Tese de Doutorado (Arqueologia). Universidade de São Paulo, 2017.

JÁCOME, Camila et al. Pluralidade dos Acervos Epistêmicos na Amazônia: história, gestão e desafios do Laboratório de Arqueologia Curt Nimuendajú (UFO-PA). *Revista de Arqueologia*, v. 33, n. 3, p. 306-329, 2020. <https://doi.org/10.24885/sab.v33i3.843>

LEVIS, Carolina; FLORES, Bernardo; MOREIRA, Priscila.. How people domesticated Amazonian forests. *Frontiers in Ecology and Evolution*, v. 5, p. 171, 2018. <https://doi.org/10.3389/fevo.2017.00171>

LIMA, Helena Pinto. Aprendizagem pela pesquisa em perspectiva intercultural: reflexões de uma arqueóloga trabalhando no rio Negro. In: Ivani Ferreira de Faria. (Org.). *Descolonizando a Universidade: educação, interculturalidade, outros saberes e fazeres para além do discurso*. 1 ed. Manaus: EDUA, 2022, v. 1, p. 112-141.

LIMA, Helena Pinto. Patrimônio para quem? Por uma arqueologia sensível. *Revista Habitus*, v. 17, n. 1, p. 25-38, 2019. LIMA, Helena Pinto, MORAES, B. M., & PARENTE, M.T.V. “Tráfico” de material arqueológico, turismo e comunidades ribeirinhas: experiências de uma arqueologia participativa em Parintins, Amazonas. *Revista de Arqueologia Pública: Revista eletrônica do Laboratório de Arqueologia Pública de Unicamp*, 7(2), 61-77, 2013.

LIMA, Helena Pinto; CUNHA, Claudia. M. S. Reassessing Museum archaeological collections: unprecedented osteological and ceramic data for the Sucurijiu site at the Urubu River, Central Amazon, Brazil. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Série Ciências Humanas*, v. 12, p. 649-665, 2017. <https://doi.org/10.1590/1981.81222017000200021>

LIMA, Helena Pinto; BARRETO, Cristiana; FERNANDES, Camila. Museus no século 21: Ações pela salvaguarda e socialização do acervo arqueológico do Museu Goeldi. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 38, p. 145-161, 2018.

LIMA, Helena Pinto et al. Oca, origens, cultura e ambiente: uma proposta de arqueologia colaborativa em Gurupá/PA. *Revista Arqueologia Pública*, v. 14, n. 1, p. 96-128, 2020.

LIMA, Helena Pinto; BARRETO, Cristiana. Uma nova política para um antigo acervo: a redescoberta das coleções arqueológicas do Museu Goeldi. *Revista de Arqueologia*, n. 33 (3), 2020. <https://doi.org/10.24885/sab.v33i3.824>

Potências e desafios da interculturalidade na pesquisa em gestão de acervos arqueológicos

LITTLE, Barbara. Epilogue: changing the world with archaeology. In: *Archaeologists as Activists: Can Archaeology Change the World?* University of Alabama Press, Tuscaloosa, p. 154-158, 2010.

MACHADO, Juliana Salles. História (s) indígena (s) e a prática arqueológica colaborativa. *Revista de Arqueologia*, 26(1), 72-85, 2013. <https://doi.org/10.24885/sab.v26i1.369>

MACHADO, Juliana Salles. Arqueologias Indígenas, os Laklãnõ Xokleng e os objetos do pensar. *Revista de Arqueologia*, v. 30, n. 1, p. 89-119, 2017. <https://doi.org/10.24885/sab.v30i1.504>

MACHADO, Michel Carvalho. *Os antigos habitantes da Ilha de Tupinambarana: apontamentos a partir das cerâmicas arqueológicas*. Dissertação (Mestrado) – Museu Paraense Emílio Goeldi, Programa de Pós-Graduação em Diversidade Sociocultural, Belém, 2023.

MAIA, Lorena Porto; SANJAD, Thais Alessandra Bastos Caminha; LIMA, Helena Pinto. A teoria contemporânea do restauro e as cerâmicas arqueológicas da Amazônia. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 16, 2021. <https://doi.org/10.1590/2178-2547-BGOELDI-2019-0085>

PEREIRA, Edithe. O Museu Goeldi e a pesquisa arqueológica: um panorama dos últimos dezessete anos (1991-2008). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 4, p. 171-190, 2009. <https://doi.org/10.1590/S1981-81222009000100014>

QUADROS, Helena do Socorro Alves et al. *A epistemologia da educação museal na Amazônia paraense: um estudo sobre o programa o Museu Goeldi de portas abertas*. Tese de Doutorado. Instituto de Ciências da Educação, Universidade Federal do Pará, 2019. [http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/11912/1/Tese\\_EpistemologiaEducacaoMuseal.pdf](http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/11912/1/Tese_EpistemologiaEducacaoMuseal.pdf)

SALES, Taynara Soares do Nascimento. *Documentação na Reserva Técnica Mário Simões de Arqueologia do Museu Paraense Emílio Goeldi: um caso de estudo da coleção AM-IT-#: Médio Urubu*. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Museologia) - Universidade Federal do Pará. 2016

SANJAD, Nelson. *A Coruja de Minerva: o Museu Paraense entre o Império e a República (1866-1907)*. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus; Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz. 2010.

SHEPARD JR, Glenn H.; GARCÉS, Claudia Lopes; ROBERT, Palcale de; CHAVES, Carlos Eduardo. Objeto, sujeito, inimigo, vovô: um estudo em etnomuseologia comparada entre os Mebêngôkre-Kayapó e Baniwa do Brasil. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 12, n. 3, p. 765-787, 2017. <https://doi.org/10.1590/1981.81222017000300006>

SILVA, Fabíola Andrea da. O significado da variabilidade artefactual: a cerâmica dos Asurini do Xingu e a plumária dos Kayapó-Xikrin do Cateté. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 2, p. 91-103, 2007. <https://doi.org/10.1590/S1981-81222007000100007>

SILVA, Fabíola Andréa; BESPALÉZ, Eduardo; STUCHI, Francisco Forte. Arqueologia colaborativa na Amazônia: terra indígena Kuatinemu, rio Xingu, Pará. *Amazônica-Revista de Antropologia*, v. 3, n. 1, 2011. <http://dx.doi.org/10.18542/amazonica.v3i1.629>

SILVA, Jaiane Lima da. *A documentação museológica do acervo metálico dos sítios de Gurupá (PA)*. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) Curso de Museologia, Universidade Federal do Pará. 2018.

SILVA, Lucas Melo; LIMA, Helena Pinto; SALES, Taynara. Recontextualizando Urnas Maracá No Museu Goeldi. *Caderno 4 Campos – PPGA/UFGA*, Número 1, p. 224-238 2021.

SILVEIRA, Maura Imázio; DUTRA, V.; SILVA, C. F.; FERREIRA, R. M.; JALLES, C. Coleções arqueológicas do museu paraense Emílio Goeldi-panorama da reserva técnica e os desafios da conservação. In: CAMPOS, G.N; GRANATO, M. (orgs.) *Preservação do Patrimônio Arqueológico: desafios e estudos de caso*, Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, p. 169-191, 2017.

SIMAS, Maria S. et al. Cada instituição, um fragmento: problemática da dispersão da coleção arqueológica marajoara Dita Acatauassu (Amazônia, Brasil). *Conservar Patrimônio*, v. 32, 2019. <https://doi.org/10.14568/cp2018038>

SIMÕES, Mario F. As pesquisas arqueológicas no Museu Paraense Emílio Goeldi (1870-1981). *Acta Amazonica*, v. 11, p. 149-165, 1981.

SOARES, Caroline Barros. Acessibilidade na Coleção Arqueológica do Museu Paraense Emílio Goeldi. Projeto apresentado ao Programa Institucional de Iniciação Científica – PIBIC/MPEG/CNPq – Edital 01- 2023.

SOUZA LIMA, Marcelle Rolim. Replicando uma urna marajoara: iconografia, saberes e afeto. *Amazônica-Revista de Antropologia*, v. 15, n. 1, p. 232-257, 2023. <http://dx.doi.org/10.18542/amazonica.v15i1.13476>

SOUZA LIMA, Marcelle Rolim; BARRETO, Cristiana; LIMA, Helena Pinto. História de vida de uma urna marajoara: reconectando contextos e significados. *Revista de Arqueologia*, v. 33, n. 3, p. 396-418, 2020. <https://doi.org/10.24885/sab.v33i3.837>

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (orgs.). *Epistemologias do sul*. Almedina : CES - Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, 532 p, 2009. <http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/1697925>

Potências e desafios da interculturalidade na pesquisa em gestão de acervos arqueológicos

TUYUKA, Poani Higino Tenório; VALLE, Raoni Bernardo Maranhão. TÃ WORÍ – um diálogo entre conhecimento Tuyuka e arqueologia rupestre no baixo Rio Negro, Amazonas, Brasil. *Tellus*, p. 17-37, 2019. <https://doi.org/10.20435/tellus.v19i39.576>

THIOLLENT, M. (2012). *Metodologia da Pesquisa-Ação*. 18.ed. São Paulo: Cortez (1.ed.,1985).

VALLE, Raoni et al. What is anthropogenic?: On the cultural aetiology of geo-situated visual imagery in indigenous Amazonia. *Rock Art Research: The Journal of the Australian Rock Art Research Association (AURA)*, v. 35, n. 2, p. 123-144, 2018.

VELTHEM, Lucia Hussak van; GUAPINDAIA, Vera Lúcia Calandrini. Patrimônios entrelaçados: coleções etnográfica e arqueológica. In: SANJAD, Nelson, VELTHEM, Lucia Hussak van (eds.) *Reencontros: Emílio Goeldi e o Museu Paraense*, Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, 2006, p. 27-37.

VELTHEM, Lucia Hussak van.; PEREIRA, Edithe.; GALUCIO, Ana Vilacy. Acervos culturais do Museu Paraense Emílio Goeldi: 150 anos de história e perspectivas futuras. In: GALUCIO, Ana Vilacy, PRUDENTE, Ana Lúcia (eds.) *Museu Goeldi: 150 anos de ciência na Amazônia*, Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. 2019, p.272-290.

WICHERS, Camila Azevedo de Moraes. *Museus e antropofagia do patrimônio arqueológico: (des) caminhos da prática brasileira*. Lisboa: Tese (Doutorado) - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, Departamento de Museologia, 2010.

ZEDEÑO, María Nieves; BOWSER, Brenda J. The archaeology of meaningful places. *The Archaeology of meaningful places*, p. 1-14, 2009.

Recebido em junho de 2023. Aprovado em setembro de 2023.